

## **(In)comunicação nas escolas: tensionamentos sobre os sistemas de opressão latino-americanos e a falta do diálogo em ambientes educacionais. <sup>1</sup>**

Beatriz Carvalho de SOUZA<sup>2</sup>

### **RESUMO**

A pesquisa apresenta a perspectiva da comunicação no contexto educacional latino-americano, enfocando três aspectos cruciais. Primeiramente, analisa como os processos históricos de colonização da América Latina influenciaram no modelo de educação que temos hoje no nosso território e como isso afeta o desenvolvimento das crianças e jovens que cursam a educação básica. Em seguida, apresenta uma breve reflexão sobre a comunicação dialógica como pista para uma prática educacional mais inclusiva e respeitosa, a partir da noção de educação libertadora proposta por Paulo Freire. Por fim, investiga como a sociedade do consumo molda a comunicação nas instituições de ensino, perpetuando hierarquias e competições.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comunicação latino-americana; Comunicação escolar; diálogo;

Estamos imersos em um mundo de comunicados. Um universo de imagens que saltam das redes e nos promovem sentimentos diversos. Muitos acontecimentos mudaram o mundo e a pandemia foi um deles. Desde 2020, temos acompanhado um salto em inovações e novas tecnologias que, ao mesmo tempo, criam pontes e abismos. Nos países da América Latina, esse movimento tem algumas características em comum. Temos uma história cercada por colonizações e processos de opressão que interferiram em toda a sociedade, começando pelos espaços formais de educação. Alimentamos um sistema comunicacional com classes muito marcadas que diferem indivíduos em espaços escolares que prezam por uma comunicação crítica e inovadora e outros espaços que não contam nem com a estrutura necessária para que uma aula aconteça. Como dialogar dessa forma?

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa 23 – Pensamento Comunicacional e Cultural Latino-americano – do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestre em Comunicação Midiática pela UNESP e Docente de Desenvolvimento Social no SENAC São Bernardo do Campo. E-mail: [comunica.biasouza@gmail.com](mailto:comunica.biasouza@gmail.com)

---

O patrono da educação brasileira nos diz que o diálogo é “uma relação horizontal de A com B [...] Nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança. Por isso, só o diálogo comunica” (FREIRE, 2021a, p.141). Pensando nessa estrutura dialógica proposta por ele, indagamos se os ambientes de ensino estão de fato promovendo comunicação dentro da comunidade escolar. Este trabalho busca compreender os aspectos que envolvem a comunicação e a falta dela nas escolas, levando em consideração três perspectivas que serão abordadas ao longo do texto:

- 1) A escola e os reflexos do contexto histórico latino-americano;
- 2) A horizontalidade na relação da comunicação escolar;
- 3) A interferência da sociedade do consumo no processo educacional da comunicação latino-americana;

### **A escola e os reflexos do contexto histórico latino-americano**

A América Latina é uma junção de territórios diversos, mas traz em si algo em comum que muda completamente a estrutura da nossa cultura e nosso povo. Paulo Freire, na obra *Educação e Mudança*, reflete sobre isso da seguinte forma: “A sociedade fechada latino-americana foi uma sociedade colonial. Em algumas formas básicas de seu comportamento observamos que, geralmente, o ponto de decisão econômica desta sociedade está fora dela.” (FREIRE, 2021b, p.42)

Pensando que, por muitos séculos, as decisões que cabiam a nós, eram tomadas por outras potências, temos como consequência disso nações em processo de (re)conhecimento de sua própria história, criando símbolos de identidade e aprendendo a lidar com problemas sociais que sempre estiveram expostos, mas que só agora começamos a garantir uma certa liberdade de expressão para falar sobre eles.

É a América Latina, a região das veias abertas. Do descobrimento aos nossos dias, tudo sempre se transformou em capital europeu ou, mais tarde, norte-americano, e como tal se acumulou e se acumula nos distantes centros do poder. Tudo: a terra, seus frutos e suas profundezas ricas em minerais, os homens e sua capacidade de trabalho e de consumo, os recursos naturais e os recursos humanos. (GALEANO, 2021, p. 18)

---

Nos descobrimos América Latina recentemente. Fomos tratados por séculos como territórios marginalizados que não podiam entender o próprio potencial de identidade e riqueza. Esse (re)descobrimento da nossa região tem gerado novas dores e problemas também, afinal, sempre agimos e fomos explorados pelos outros e agora estamos lutando para entender quem somos nós. O contexto latino-americano é repleto de cicatrizes e sombras de processos violentos de opressão e isso reflete em boa parte dos ambientes, inclusive nas escolas.

O processo tardio das democracias latino-americanas também impactou nas estruturas escolares nos territórios, isto porque a educação libertadora e crítica sempre foi uma ameaça para regimes totalitários. No nosso país, Darcy Ribeiro falou que “a crise da educação no Brasil não é uma crise, é um projeto”. Esse projeto está interligado, em toda a América Latina, com controle do conhecimento crítico. Quanto menos somos convidados a pensar, menos teremos repertório para agir em prol de uma sociedade mais emancipada.

“Escrever sua história é, na América Latina, iniciar a destruição dos muros que a impedem de se comunicar com sua memória, relegada ao vazio ou à nostalgia a partir do dia posterior à conquista, e mistificada pelos próprios processos de independência” (MARTÍN-BARBERO, 2014, P.27). Esse processo descrito por Jesús Martín-Barbero tem iniciado uma grande mudança de perspectiva dentro do nosso território, mas fazer parte dessa escrita da história latino-americana requer visibilidade e exercício constante do pensamento crítico e é nesse ponto que grande parte das escolas ainda não tiveram a oportunidade de chegar.

Dados do estudo de Gorostiaga (2019), sobre o Estudo Regional Comparativo e Explicativo (ERCE, 2019) realizado pelo Laboratório Latino-Americano de Avaliação da Qualidade da Educação (LLECE) apontam que, em uma média geral dos países analisados, quase 70% dos estudantes não alcançaram o nível mínimo em Leitura e matemática. Nas ciências, essa média é ainda maior.

Tabela comparativa: Porcentagem de estudantes que não atingiram o nível mínimo na sexta série (TERCE 2013 e ERCE 2019)

País	Leitura		Matemática		Ciências	
	2013	2019	2013	2019	2013	2019
Argentina	67	68	79	87	79	86
Brasil	63	57	83	71	80	74
Chile	42	--	56	--	58	--
Colômbia	61	63	85	83	71	79
Costa Rica	50	46	79	79	64	61
Cuba	--	55	--	79	--	51
Rep. Dominicana	92	84	99	98	96	94
Equador	76	74	86	77	80	74
El Salvador	--	71	--	93	--	81
Guatemala	81	84	91	93	85	91
Honduras	84	84	93	89	88	88
México	58	58	63	62	70	73
Nicarágua	85	87	97	97	90	94
Panamá	79	83	96	97	85	89
Paraguai	84	81	94	94	91	91
Peru	69	51	77	61	80	75
Uruguai	57	56	63	62	71	68
MÉDIA	79	69	83	73	79	79

Fonte: Jorge Gorostiaga sobre a Coordenação do IPE UNESCO (2019)

A tabela anterior nos ajuda a compreender que as demandas da educação básica passam por todas as áreas do conhecimento e está na estrutura do nosso processo educacional. Nos números comparativos, o Brasil aumentou a porcentagem de alunos com desempenho mínimo no último estudo realizado em 2019, mesmo assim, a porcentagem é alta e nem contempla as problemáticas de falta de acesso que a pandemia da COVID-19 escancarou no nosso território.

Os novos processos tecnológicos nos envolvem em uma avalanche de informações e imagens que nos devoram, moldando nossas percepções e padrões emocionais, estéticos e sociais. A pandemia, como um evento de escala global, refletiu nas escolas uma necessidade de comunicação virtual, tornando-a uma ponte para a interação humana em tempos de distanciamento físico. No entanto, essa nova configuração digital foi absorvida de maneira impositiva e urgente no contexto escolar, justamente por não haver outra alternativa para o contexto.

Como consequência, criamos um abismo ainda maior entre educadores e estudantes que já tinham fluência digital ou, minimamente, um letramento tecnológico e aqueles que não conseguiam se conectar e/ou realizar atividades nos ambientes virtuais.

---

Nesse cenário, as inovações tecnológicas tiveram um papel contraditório, pois ao mesmo em que criava conexões instantâneas e possibilitava a continuidade do ensino no contexto do isolamento social, gerava grandes abismos entre pessoas que dispunham de recursos para assimilar e participar das aulas e estudantes que nem sabiam os mecanismos básicos para acessar as disciplinas.

Na América Latina, a história de colonização e opressão impacta profundamente a dinâmica comunicacional nas escolas. Esse legado histórico estruturou os ambientes formais de educação, gerando desigualdades e segregação. A falta de recursos e infraestrutura em muitas instituições perpetua um sistema comunicacional de duas faces: em alguns espaços, há um grande estímulo para o diálogo e o pensamento crítico e inovador, enquanto outras instituições lutam para resistir à ausência de formações, professores, infraestrutura e à precariedade de um sistema que as exclui. Essa distinção desafia a essência do diálogo, tornando-o um processo bem distante em alguns cenários.

Apesar de Paulo Freire ser o terceiro pensador mais citado do mundo em 2016, segundo pesquisa realizada por Elliott Green, da *London School of Economics* (MONTESSANTI, 2016), ainda executamos pouco do que o patrono da educação nos deixou como legado educacional e comunicacional na América Latina. Ao longo de suas mais de 30 obras publicadas, o autor nos traz pistas e alternativas para refletirmos sobre uma aprendizagem dialógica. É sobre isso que falaremos a seguir...

### **A horizontalidade na relação da comunicação escolar**

A educação escolar tem se confundido, ao longo das décadas, com um processo de domesticação dos indivíduos. Desde a década de 60, Paulo Freire nos apresenta uma visão de educação como prática de liberdade, que vai contra essa estratégia hierarquizada do saber que privilegia determinados grupos. Segundo ele, “educar e educar-se, na prática da liberdade, não é estender algo desde a “sede do saber”, até a “sede da ignorância” para “salvar”, com este saber, os que habitam nesta.” (FREIRE, 1977, P.25)

É necessário entender que o fenômeno educacional acontece quando professor(a) e aluno(a) se colocam, ao mesmo tempo, em posições de aprendizes e mestres, sabendo que há sempre algo a compartilhar e algo a aprender. A esse processo, damos o nome de comunicação. A ponte para o saber requer escuta ativa e trocas. Requer diálogo.

---

“Falar não é somente se servir de uma língua, mas pôr um mundo em comum, fazê-lo lugar de encontro.” (MARTÍN-BARBERO, 2014, P.30) Quando propomos uma educação da troca, do afeto, da liberdade, estamos falando também em tornar o aprender um lugar de encontro, onde professor(a) e alunos(as) entendam que o conhecimento é complexo, porque parte da experiência coletiva e se transforma a partir de novas experiências que podem ser individuais ou não. Esse processo de horizontalidade que propomos nos parece um caminho possível para que o(a) aluno(a) se reconheça enquanto sujeito de transformações, em alguns momentos como protagonista, em outros como observador, mas sempre colaborador da construção de um aprender coletivo através da comunicação.

“Portanto, enquanto o animal é essencialmente um ser da acomodação e do ajustamento, o homem o é da integração” (FREIRE, 2021a, p.59). É interessante pensarmos em comunicação no contexto da sala de aula, isto porque, partimos de uma linha histórica de raciocínio baseada em uma hierarquia delimitada entre educando e educador. Esta hierarquia, no entanto, não prevê o diálogo e, portanto, não educa.

Quando pensamos em uma educação libertadora que auxilia pessoas a um processo de autoconhecimento e percepção do outro, não estamos falando sobre carteiras enfileiradas e crianças quietas prestando atenção ao professor que está na frente da sala. Entendemos que libertar é promover essa comunicação e deixar claro que, independente da idade ou da experiência, a troca de conhecimentos é a parte mais importante do processo.

### **A interferência da sociedade do consumo no processo educacional da comunicação latino-americana**

Refletindo sobre uma comunicação ativa e crítica, temos um grande obstáculo estrutural: a sociedade do consumo. Eduardo Galeano nos alerta que “a ditadura da uniformização obrigatória é mais devastadora do que qualquer ditadura de partido único: impõe, no mundo inteiro, um modo de vida que reproduz os seres humanos como fotocópias do consumidor exemplar.” (GALEANO, 2007, P.260).

Como trabalhar dentro das escolas para que pensemos de maneira crítica, se o sistema, por vezes, sugere que nos encaixemos em determinados espaços que devem nos contemplar?

---

Criamos um mundo competitivo nas escolas, separando educandos(as) por notas, participação e inteligências válidas ou não. Trabalhamos educação socioemocional nas instituições, mas dificilmente estamos abertos para momentos em que os alunos reivindicam o direito ao protagonismo do diálogo. Esse sistema conduzido por poucos e acompanhado por todos, perpetua uma cultura da opressão na sociedade e isso desencadeia uma reprodução social deste modelo nas escolas. (É importante lembrar que as escolas são ambientes de reprodução de um sistema maior que nos classifica e nos pune por não nos encaixarmos em determinados espaços).

Temos diversas estruturas competitivas dentro das instituições escolares. Começamos com o acesso a determinadas escolas. Essa primeira questão já pode ser um tópico determinante para o sucesso de uma pessoa em relação a outra, visto que a qualidade de ensino influencia na percepção de futuro desde a infância. Além de questões de classe, territórios e acessibilidade, temos também a competição como método enraizado na própria sala de aula. “A competitividade tem a guerra como norma. Há, a todo custo, que vencer o outro, esmagando-o, para tomar seu lugar” (SANTOS, 2001, p. 46).

Os vestibulares e a luta por vagas melhores no mercado de trabalho são apenas reflexos de um sistema formado por pessoas que começaram a competir desde a Educação Infantil. Estimulamos a busca pelo poder mesmo que isso signifique que para que um estudante alcance o topo, muitos ficarão na base, marginalizados. Na ânsia de estimular a competição e obter resultados melhores para poucos, esquecemos que o diálogo possibilitaria um caminho mais preciso e saudável para as crianças e jovens.

“Sendo regidos por critérios cruamente mercantis e, por isto mesmo, irresponsáveis no plano cultural, social e ético, o que difundem é uma cultura ignara, violenta e dissoluta, na qual, mergulha a população, inclusive a infância” (RIBEIRO, 2018, p.29). Temos como consequência da falta de comunicação uma violência crescente nas escolas e outros espaços sociais. A falta de compreensão passa a objetificar pessoas e descartá-las.

“De fato, a mídia primária, que se resume ao corpo e suas linguagens naturais, tem estado em baixa diante do poder econômico e político da comunicação em grandes escalas por aparatos cada vez mais potentes e sofisticados” (BAITELLO JUNIOR, 2014, p. 55). Essa falta de tato que nos parece uma consequência da era da iconofagia, prevista por

---

Norval Baitello (2014) nos parece um sinal claro de que precisamos repensar nossas estruturas educacionais a partir da comunicação dialógica para uma prática libertadora.

Se, como Baitello Junior (2014) nos diz, “quanto mais imagens, menos visibilidade, e quanto mais visão, menos propriocepção, o sentido por excelência do aqui e agora, da corporeidade”, necessitamos de um equilíbrio de desenvolvimento dos sentidos nas nossas práticas escolares e comunicacionais. Ensinar crianças e jovens que a principal etapa da comunicação é a escuta talvez seja uma primeira pista.

Quando escutamos, abrimos nossa mente para novas perspectivas e nos dispomos a interpretá-las a partir da nossa bagagem. É claro que a escuta em 2023 não é mais a mesma. Vivemos um tempo de áudios e vídeos acelerados, inteligências artificiais que resumem conteúdos e trazem respostas imediatas, porém, ainda temos outros sentidos além da visão que precisam de estímulos para comunicar.

O diálogo prevê justamente que educador e educandos troquem experiências sobre o que funciona ou não para o perfil da turma. A partir disso, prever aprendizagens por meio da escuta ativa, dos processos analógicos do aprender, de rodas de conversa e interações táteis com jogos que estimulem momentos de comunicação sem o uso de aparatos eletrônicos como mediadores.

É evidente que a tecnologia nos trouxe uma facilidade de novas abordagens pedagógicas e isso pode sim ser utilizado em sala de aula como ferramenta. É necessário que os estudantes tenham acesso às possibilidades que as redes digitais proporcionam, mas é imprescindível que a comunicação dialógica exista fora das telas para de fato esperarmos uma sociedade emancipada.

### **Novas dimensões possíveis: Escola como comunidade**

Em Pedagogia do oprimido, Paulo Freire nos diz que “os oprimidos, contudo, acomodados e adaptados, “imersos” na própria engrenagem da estrutura dominadora, temem a liberdade, enquanto não se sentem capazes de correr o risco de assumi-la.” (FREIRE, 2019, P.47). Esse processo de temer a liberdade, por vezes, destrói estruturas dialógicas e as mudanças que poderiam acontecer, acabam ficando no campo das ideias por medo da comunicação com o outro. Medo de que o pensar do outro não seja igual e que a punição venha por meio da exclusão.



Esse processo da exclusão se tornou ainda mais escancarado nas redes com os discursos de ódio que vemos diariamente e o cancelamento de pessoas na esfera digital. A opressão continua presente nas ruas, nas margens, nas igrejas, nas escolas e em quase todos os ambientes construídos e modificados pelos seres humanos. Se a violência existe porque nós existimos, ela só pode deixar de existir a partir da nossa reforma do pensamento.

Por tudo isso que refletimos até aqui, entendemos que a educação como prática de liberdade, proposta por Freire, nos coloca uma possibilidade de pensar em uma comunicação horizontal nas escolas, um diálogo crítico e uma aprendizagem por meio das experiências prévias de cada educando(a), mas, além disso, nos convida a pensar na importância do coletivo na construção de qualquer conhecimento. “É o agir em comunidade que torna transindividual o conhecimento prático da instituição e que pode defini-lo como um modo de pensar e de fazer independente do indivíduo. (PAIVA, 2021, p.76).

Entender que o saber é sempre coletivo nos traz uma dimensão da importância do afeto a esse processo. Para saber é necessário escutar. Para construir um novo conhecimento é preciso dialogar, observar e absorver. A comunicação é, então, processo central da educação em todos os sentidos.

## REFERÊNCIAS

BAITELLO JÚNIOR, Norval. **A era da iconofagia**: reflexões sobre imagem, comunicação, mídia e cultura. São Paulo: Paulus, 2014.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. - 49ªed. - São Paulo: Paz e Terra, 2021a.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. - 43ªed. – Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2021b.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido** – 70ªed - São Paulo: Paz e Terra, 2019.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. Tradução: Sergio Faraco. Porto Alegre, RS: L&PM: 2021.

GALEANO, Eduardo. **De pernas pro ar**: a escola do mundo ao avesso. / Tradução: Sergio Faraco – 9ªed. – Porto Alegre, RS: L&PM: 2007.

GOROSTIAGA, Jorge. **Educação Básica** / Coordenação do IPE UNESCO Escritório para a América Latina, 2019. Disponível em:

---

[https://siteal.iiep.unesco.org/pt/eje/educacion\\_basica#educacao-primaria-contexto-da-educacao-primaria](https://siteal.iiep.unesco.org/pt/eje/educacion_basica#educacao-primaria-contexto-da-educacao-primaria). Acesso em 11/08/2023

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **A comunicação na educação**. Tradutoras: Maria Immacolata Vassallo de Lopes e Dafne Melo. - São Paulo: Contexto, 2014.

MONTESSANTI, Beatriz. Paulo Freire é o terceiro pensador mais citado em trabalhos pelo mundo. Nexo jornal. São Paulo: 04 de junho de 2016. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/06/04/Paulo-Freire-%C3%A9-o-terceiro-pensador-mais-citado-em-trabalhos-pelo-mundo>. Acesso em 12/08/2023

PAIVA, Raquel. **Paulo Freire: a cidadania compreensiva**. Matrizes, vol. 15, núm. 3, Esp., 2021, Septiembre-Diciembre, pp. 71-81 Universidade de São Paulo. São Paulo, Brasil. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/1430/143069611007/143069611007.pdf>. Acesso em 05 de julho de 2023.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RIBEIRO, Darcy. **Educação como prioridade**. / Organização: Lúcia Velloso Maurício. - São Paulo: Global, 2018.